

Notas de programa

A inclusão de Aberturas nos concertos orquestrais, sem cantores, é uma forma de trazer para palco uma referência ao repertório que habitualmente se interpreta nos Concertos de Gala, as árias de ópera. A Abertura inclui referências aos principais temas musicais que delinearão a obra em causa, seja ela uma ópera, um bailado ou outro género – uma prática que se tornou corrente especialmente no século XIX. “Cavalaria Ligeira” é uma opereta do compositor austríaco Franz von Suppé que caiu no esquecimento. A sua Abertura, contudo, contraria este destino e faz parte do repertório de orquestras de todo o mundo. Data de 1866, o ano anterior à união da Áustria e Hungria num mesmo império, que duraria até final da Primeira Grande Guerra, e reflete o fascínio que os austríacos então nutriam pela cultura mais exótica dos seus vizinhos. Os temas militares são imediatamente convocados no início, com o solo de trompete em estilo de fanfarra que se estende depois a outros metais. Após um tema rápido nas madeiras, regressam os motivos militares com o famoso tema galopante, primeiro nos metais e logo alargado a toda a orquestra. Com a chamada do clarinete solo ouvir-se-á, depois, o tema húngaro da opereta, num uníssono emotivo das madeiras.

“Les Préludes” é um poema sinfónico composto por Franz Liszt em 1848. É o número 3 do seu ciclo de treze poemas sinfónicos escritos durante o período em que esteve em Weimar, sendo o mais popular de entre eles. A obra foi dirigida pelo próprio Liszt no dia da sua estreia, em 23 de fevereiro de 1854, num concerto no «Hoftheater» de Weimar.

Durante a Segunda Guerra Mundial, os alemães usaram um motivo de fanfarra da marcha final para anunciar a sua vitória nas mensagens que emitiam. Tal como nos poemas sinfónicos anteriores, há um motivo gerador – que neste caso é uma célula de três notas – que se ouve desde o início. A peça começa com uma lenta e misteriosa sonoridade de vários instrumentos do grave ao agudo que tocam piano em uníssono. Segue-se um Andante maestoso com compasso 12/8 e no qual se investe com toda a potência sonora o tema principal, com trombones, fagotes e outros instrumentos graves em dó maior.

Seguem-se os «prelúdios» propriamente ditos – climas sonoros contrastados que retratam a felicidade e a serenidade, com uma dança campestre acompanhada. É retomado o tema principal, entretanto, que leva a um Andante marziale ritmado pela

percussão. que ilustra os combates da vida. A peça conclui com um tutti em dó maior exaltando as forças da vida.

Em 1940, Khachaturian compôs música para “A Viúva Alegre”, do dramaturgo espanhol Félix Lope de Vega. O compositor ficou muito impressionado com a esplêndida comédia, criada no Renascimento, época em que as situações, as intrigas serviam para instauração de ideias humanistas, glorificação do poder, dignidade e beleza espiritual dos indivíduos. Esta música alegre e festiva não é apenas adequada ao estilo e caráter da fonte da literatura, mas também inclui em si novas capacidades de realização de entoação musical de personagens do drama clássico. O compositor conseguiu refletir sobre o colorido espanhol nacional e as características dos personagens da peça. O espírito da época reflete-se perfeitamente na música aqui escrita por Khachaturian com uma mistura de temas espanhóis e a assinatura do estilo do próprio compositor.

Os filhos de Johann Strauss contribuíram determinadamente para a popularidade da valsa em Viena. Johann Strauss II foi um dos compositores mais bem-sucedidos da segunda metade do século, tendo composto centenas de danças. A valsa No Belo “Danúbio Azul” é uma obra emblemática dos Concertos de Ano Novo. Contudo, começou com uma versão oral datada de 1866. O seu texto evoca o rio e a sua relação com o imaginário centro-europeu. Posteriormente, Strauss fez uma versão orquestral da obra, onde se destaca a longa introdução à sequência de valsas vienenses contrastantes.

Estreada oficialmente em 13 de fevereiro de 1867, pela Orquestra Filarmónica de Viena, desde cedo se tornou no hino não oficial da Áustria e, simultaneamente, a sua peça mais conhecida.

Foi apresentada pela 1.ª vez como programa extra do concerto do ano novo de Viena, em 1945, passando, a partir daí, a fazer parte integrante e regular do programa, e curiosamente, cada vez que esta valsa era executada, a orquestra era obrigada a parar nos primeiros acordes, por causa dos aplausos entusiásticos do público, e só a partir de 1958 seria estabelecida permanentemente a tradição de encerrar o concerto com esta obra e a “Marcha Radetzky” de Johann Strauss Senior, instaladas obrigatoriamente nos programas como «encore» de programa extra.



- Concerto - ANO NOVO



BANDA SINFÓNICA PORTUGUESA

Direção Musical
Francisco Ferreira

Multirosos de Gondomar Sala D'Ouro
5 fevereiro 2022
18 horas



PROGRAMA

FRANZ van SUPPÉ
[Áustria 1819-1895]
“Cavalaria Ligeira”
Abertura

FRANZ LISZT
[Hungria 1811-1886]
“Les Préludes”
Poema Sinfónico

ARAM KHACHATURIAN
[Arménia 1903-1978]
“Viúva Valenciana”

· *Introdução*
· *Serenata*
· *Canção*
· *Dança cómica*
· *Intermezzo*
· *Dança*
Suite

JOHAN STRAUSS II
[Austria 1825-1899]
“O Danubio Azul”
Valsa

Flautas
Tiago Moreira da Silva
Daniela Anjo
David Leão (Piccolo)

Oboés
Telma Mota
Fernanda Amorim

Fagotes
Pedro Rodrigues
Beatriz Ferreira

Clarinetes
Tiago Batista
Nuno Sousa
Ana Rita Petiz
Beatriz Rocha
Luísa Marques
Rui Lopes
Alcina Azevedo
Catarina Pereira
Bruno Silva
Pedro Ramos
Mário Apolinário
Filipe Sousa
António Lopes (Requinta)
Hugo Folgar (Cl. Baixo)

Saxofones
José Pedro Gonçalves (Sax. Alto)
Ana Rita Pereira (Sax. Alto)
Isabel Anjo (Sax. Tenor)
Jorge Sousa (Sax. Tenor)
Marcelo Marques (Sax. Barítono)

Trompas
Nélson Silva
Luís Oliveira
Hélder Vales
Nuno Silva

Trompetes
Telmo Barbosa
Sérgio Pereira
Tiago Peixoto
André Santos
Miguel Vilarinho

Trombones
Tiago Nunes
Joaquim Oliveira
Gonçalo Dias (Tromb. Baixo)

Eufónios
Luís Gomes
Inês Luzio

Tubas
Jorge Fernandes
Xavier Novo

Percussão
Fábio Dias (Tímpanos)
Paulo Mota
Daniel Araújo
Jorge Pereira
Pedro Pereira

Contrabaixo
Cláudia Carneiro

Harpa
Erica Versace

Banda Sinfónica Portuguesa

Com sede na cidade do Porto, a Banda Sinfónica Portuguesa teve o seu concerto de apresentação no dia 1 janeiro de 2005, no Rivoli, Teatro Municipal do Porto, onde também gravou o seu primeiro CD, tendo, entretanto, recebido um importante apoio por parte da Culturporto, da Portolazer e da Ágora na divulgação e expansão do seu projeto nesta cidade. A partir de 2007, a BSP é convidada pela Fundação Casa da Música a apresentar-se regularmente na Sala Guilhermina Suggia, onde tem vindo a interpretar regularmente um conjunto de obras originais de compositores portugueses e estrangeiros, sendo responsável pela execução em primeira audição de mais de meia centena de obras, resultante ainda do seu concurso de composição e de encomendas. Em abril de 2010, lançou o seu álbum “A Portuguesa”, com obras exclusivamente de compositores portugueses, num concerto realizado no auditório da Faculdade de Engenharia do Porto. Tem vindo a gravar regularmente outros trabalhos, nomeadamente “Traveler” [2011], “Hamlet” [2012] “Oásis” [2013], “Grand Concerto pour Orchestre d’Harmonie” [2014], “Sinfónico” com Quinta do Bill [2015], “Trilogia Romana” [2015], “Porto” [2016], The Ghost Ship [2017] e “Night and Day” [2019].

A BSP possibilitou, na maioria dos seus concertos, a apresentação de talentosos solistas nacionais e internacionais, sendo de destacar alguns como Pedro Burmester, Sérgio Carolino, Mário Laginha, Elisabete Matos, Marco Pereira, Jean-Yves Fourmeau, Nuno Pinto, Vicente Albeira, Pierre Dutot, Vincent David, Horácio Ferreira, Rubén Simeó, Vasco Dantas, e vários dos próprios músicos da sua orquestra. Algumas apresentações contaram ainda com a participação de vários coros bem como grupos como Vozes da Rádio, Quinta do Bill, Quarteto Vintage, European Tuba Trio, entre outros.

Maestros internacionalmente reputados como Jan Cober, José Rafael Vilaplana [maestro principal convidado da BSP], Douglas Bostock, Baldur Bronnimann, Alex Schillings, Marcel van Bree, Rafa Agulló, Dario Sotelo, Henrie Adams, Eugene Corporon e Andrea Loss dirigiram a BSP

com enorme sucesso, tendo considerado este projeto como extraordinário e de uma riqueza cultural enorme para Portugal. Aliás, a BSP tem vindo a receber, até ao momento, as melhores críticas, não só do público em geral como também de prestigiados músicos nacionais e estrangeiros. Maestros portugueses como Pedro Neves, Fernando Marinho, Alberto Roque, José Eduardo Gomes, Hélder Tavares, Luís Carvalho, André Granjo, entre outros, dirigiram também esta orquestra.

Destacam-se a realização de concertos nas principais salas de espetáculo de norte a sul do país, Igrejas, Santuário de Fátima, bem como na vizinha Espanha no Teatro Monumental de Madrid [RTVE] e ainda nas cidades de Pontevedra, Corunha, Ávila, Llíria, Llegendes e participações nos Certames Internacionais de Boqueixón e Vila de Cruces [Espanha].

A BSP obteve, em abril de 2008, o 1.º prémio no II Concurso Internacional de Bandas de La Sènia, na Catalunha [Espanha], na 1.ª secção, e igualmente o 1.º prémio na categoria superior [Concert Division] do 60.º aniversário do World Music Contest em Kerkrade, na Holanda, em outubro de 2011, com a mais alta classificação alguma vez atribuída em todas as edições deste concurso que é considerado o “campeonato do mundo de bandas”.

Em 2014, a BSP realizou a sua primeira tournée intercontinental pela China, realizando cinco concertos nas cidades de Hangzhou, Jiangyin, Shaoxing, Ningbo e Jiaying. Participou, em 2017, na qualidade de orquestra de referência no panorama internacional, no 18.º Festival do World Music Contest em Kerkrade e na 17.ª Conferência Mundial da World Association for Symphonic Bands and Ensembles em Utrecht. Realizou, em novembro de 2019, uma digressão às Canárias, atuando em Tenerife e na Gran Canaria.

Outros objetivos passam pela iniciativa pedagógica de levar a cabo masterclasses de instrumento com professores de reconhecido mérito artístico, bem como Cursos de Direção [con-

tando já com 27 edições] orientados pelos prestigiados Maestros Marcel van Bree, Jan Cober [Holanda] Douglas Bostock [Inglaterra], José Rafael Vilaplana [Espanha], Eugene Corporon [E.U.A.] e Baldur Bronnimann [Suíça]. Em 2017, deu início ao festival BSP Júnior que se realiza anualmente no verão e que reúne centenas de jovens promissores instrumentistas.

A Banda Sinfónica Portuguesa é uma Associação cultural, sem fins lucrativos, apoiada pela Direção Geral das Artes.

A direção artística está a cargo do Maestro Francisco Ferreira.

Francisco Ferreira

Francisco Ferreira tem um percurso artístico que o tem vindo a destacar com uma carreira multidisciplinar. É diplomado em Saxofone pelos Conservatórios de Música do Porto, de Limoges – França e Escola Superior de Música de Lisboa com as mais altas classificações.

Lecionou em várias escolas, com particular destaque para o Conservatório de Música do Porto, Academia de Música de Costa Cabral e Escola Profissional de Música de Espinho onde teve o mérito de desenvolver para Portugal uma importante classe de saxofone com imensos alunos premiados em concursos nacionais e internacionais.

Tem vindo a dedicar-se igualmente ao desenvolvimento das orquestras de sopro, o que o levou a trabalhar direção de orquestra com Jan Cober, Marc Tadue, Eugene Corporon, Douglas Bostock e José Pascual Vilaplana, concluindo, em 2007, o Mestrado em Direção de Orquestra no Royal Conservatory Dutch de Maastricht.

Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, do Instituto Camões e premiado pela Fundação Eng.º António de Almeida e vencedor do Concurso «Ouvir e Falar» da responsabilidade do Maestro António Vitorino d’Almeida, apresentada pela RTP.

Apresenta-se regularmente em concertos na Europa, Ásia e Brasil. Tocou a solo com a Orquestra Sinfónica do Porto, Orquestra Clássica do Porto e da Madeira, Banda Sinfónica Portuguesa, Banda da Polícia de Segurança Pública de Lisboa, Bandas de Curitiba [Brasil] e Municipal da Corunha [Espanha] e ainda com a Orquestra Portuguesa de Saxofones. É frequentemente convidado a ministrar master classes e para integrar júris de prestigiados concursos nacionais e internacionais de saxofone e de bandas.

Como maestro, dirigiu imensas formações de sopro e percussão, nomeadamente as Bandas Sinfónicas da Guarda Nacional Republicana [Lisboa], da Covilhã, do Conservatório de Música do Porto, Orquestras de Sopros da ESML, das escolas profissionais de Espinho, Beira Interior, ARTEAM, Escola Superior de Música de Lisboa, Orquestra de Sopros do Algarve, Filarmonia de Vermoim [Maia], Orquestra da União Europeia, Rundfunk-Bla-sorchester Leipzig [Alemanha], Banda Sinfónica de Tatuí [São Paulo, Brasil], Gran Canaria Wind Orchestra, Bandas Municipais de Santa Cruz de Tenerife, de Vitória – Gasteiz e de Pontevedra [Espanha], Orquestra Portuguesa de Guitarras e Bandolins e Orquestra do Norte. Dirigiu ainda várias bandas filarmónicas, destacando-se o trabalho desenvolvido nas de Cinfães, Trofa e Golães de Fafe.

Foi vencedor do 1.º prémio do II Concurso Internacional de La Sènia [Espanha] e World Music Contest em Kerkrade [Holanda], na categoria superior, este com a mais alta classificação de todas as edições, na qualidade de maestro titular e diretor artístico da Banda Sinfónica Portuguesa.

É ainda Diretor Pedagógico da Academia de Música de Costa Cabral – Porto. Paralelamente à sua carreira artística, licenciou-se em Direito pela Universidade Católica Portuguesa. É artista Yamaha.

